

AS VIÚVAS NA PENA DO FICCIONISTA

Silmária Souza Brandão

RESUMO

A importância das fontes para a pesquisa em história tem gerado discussões que se prolongam no tempo. Isto porque, não sendo a História uma ciência estática e acabada, a cada dia surgem novas fontes e fatos novos emergem para contradizer ou confirmar o que já foi dito antes. Entre outros aspectos relevantes enfatizo a interdisciplinaridade e mesmo a aproximação da História com outras ciências, a exemplo da Sociologia, Economia, Filosofia e Psicologia. A partir da aproximação com o feminismo a História experimentou inovações na forma de ver e escutar as fontes que lhe são postas. Nesta perspectiva venho desenvolvendo a pesquisa que tem como objeto mulheres viúvas e comerciantes em Salvador no século XIX, utilizando as fontes tradicionais como os textos de Lei, inventários e testamentos, mas principalmente, privilegiando nestes últimos as prestações de contas relativas a gastos pessoais com vestuário, despesas médicas, mobiliário existente, aplicações bancárias, dívidas e jóias. O inventário das casas comerciais tem se destacado como importantes fontes para a obtenção de respostas a muitos questionamentos que surgem ao longo da pesquisa. De igual sorte, os almanaques registram a dinâmica comercial da Bahia em informações também referidas nos jornais da época. Por fim, a literatura tem sido um novo caminho que percorro para desvendar o universo feminino e em especial, as relações de gênero relatadas nos romances de Machado de Assis e José de Alencar, autores que dedicaram algumas linhas às mulheres viúvas, descortinando a possibilidade de recompor o cenário urbano do século XIX, os costumes e a sociedade de então. Além da massa documental, todas as outras fontes aqui referidas me inspiram e me impulsionam a seguir em frente e a refletir sobre as respostas obtidas às perguntas que foram lançadas.

PALAVRAS CHAVES: Viuvez, Inventários, Testamentos, Almanagues e Literatura.

AS VIÚVAS NA PENA DO FICCIONISTA

Silmária Souza Brandão¹

A presente comunicação tem como objeto de análise as mulheres viúvas residentes e domiciliadas em Salvador na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX e que compõem o universo da pesquisa que desenvolvo atualmente, tratadas à luz da literatura de ficção.

O que distingue as mulheres viúvas de outras tantas, além do seu estado civil, é o fato de serem comerciantes, ocupação que não representa uma novidade na sociedade oitocentista, mas revela algumas facetas de um grupo heterogêneo de mulheres, que embora aparentemente subordinadas e submissas às regras sociais, jurídicas e religiosas, se destacaram como chefes de família, mantenedoras da prole a partir do exercício da atividade comercial e de prestação de serviços, num momento histórico onde as relações de gênero, limitam e instituem o lugar das mulheres, sendo o cenário da cidade Salvador, o palco onde se desenrolam as muitas tramas marcadas pelas desigualdades de gênero e pelos jogos de poder.

A chamada História tradicional ocupou-se de mulheres excepcionais ou extraordinárias, bruxas, rainhas, o que conduzia a uma vitimização da mulher ou ao destaque dos atos considerados heróicos, não se levando em consideração muitas das variáveis presentes em seus cotidianos como situação política, classe, raça ou gênero na análise do contexto em que se passavam os eventos descritos e em que estavam inseridas as personagens femininas. Tal situação pode ser explicada, dentre outras, como decorrência do fato de que, por longos anos, a historiografia tradicional, foi elaborada pelos homens, explicando-se então o seu viés androcêntrico.

À primeira vista pode parecer normal a sucessão da esposa nos negócios do marido falecido e muitas dessas mulheres já deviam auxiliar seus maridos na condução dos negócios, passar de coadjuvante à condição de titular do mesmo, deveria significar uma alteração no seu cotidiano e práticas na direção do empreendimento. Neste ponto refletimos acerca dos poucos estudos sobre as viúvas. Uma das justificativas para a aparente lacuna sobre o tema se refere à associação da viuvez à velhice e perda da capacidade (re) produtiva¹.

Scott (1992, p. 39) afirma que “o problema da invisibilidade ocupa um lugar central

¹ Graduação em História e mestrado e doutorado (em curso) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulher, Gênero e Feminismo - PPGNEIM-UFBA. E-mail: sil.brandao@ig.com.br

na história das mulheres durante os últimos quinze anos”. Em sua análise, observa que as mulheres não foram inativas ou estiveram ausentes dos acontecimentos históricos, apenas foram sistematicamente omitidas dos registros oficiais. Desta forma, não há, segundo a historiadora, escassez de fontes ou documentos, tais registros ou informações foram descartados por não serem considerados importantes para a história, verificando-se um movimento de retorno dos pesquisadores a estas fontes num esforço de releitura dos documentos a fim de entender a participação das mulheres como agentes da história.

Urge, portanto, que se analise o cotidiano, as práticas adotadas e, principalmente, o sistema de opressão/dominação que se construiu ao redor dessas mulheres, os jogos de poder em vigor, a fim de compreender mais do que já é evidente, a predominância do macho em detrimento da mulher, mas, principalmente, como tais mecanismos se forjaram ao longo do tempo, incluindo-se, como nos diz Soihet (1986, p.81), “os contra-poderes: poder maternal, poder social, poder sobre outras mulheres e “compensações” no jogo da sedução e do reinado feminino”, evitando a vitimização e o “fascínio pela infelicidade”², presente em alguns estudos relacionados à mulher.

Para trabalhar no campo da história das mulheres me utilizo dos mesmos métodos da História, na busca das fontes, leitura e interpretação dos documentos. Para Gonçalves (2006, p. 85) “a emergência do campo da história das mulheres contribuiu para revelar as potencialidades das fontes documentais ditas oficiais para o estudo do feminino e das relações de gênero na História revalorizando-as.” Todavia, para fazer uma análise crítica da situação das mulheres que compõem o universo da pesquisa, necessito da utilização de outros instrumentos para compor o exame que ora proponho.

A quebra dos paradigmas da história, a busca por novos desafios, o questionamento sobre o discurso universal masculino, contribuiu para que outras histórias fossem contadas e algumas falas recuperadas, o que proporcionou a recuperação da experiência de outros setores, (Matos, 2000, p.7). Mais que uma ciência que enumera ou narra fatos passados, a história busca explicações para situações do presente que mantém estreitas ligações com fatos antecedentes, sendo em alguns casos o fio condutor para muitas histórias e fatos que

¹ Veja-se LEWKOWICZ e GUTIÉRREZ. *As viúvas em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. Estudos de História, Franca, v. 4, n. 1, p. 134, 1997.

² Disponível em: <www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml>. Acesso em: 20 de jan. 2010.

vivenciamos e cujas explicações estão definidas em dimensões e espaços que são recuperados pelo trabalho cotidiano do historiador na busca de fontes, na adoção de estratégias de investigação e métodos próprios, a fim de responder a um número, cada vez maior, de questionamentos e inquietações que o presente nos traz.

Na busca de respostas às nossas indagações, e levando-se em consideração tratar-se de uma pesquisa histórica, cujo objeto data do século XIX e parte do século XX, procedemos ao levantamento dos anúncios veiculados em almanaques, sendo possível localizar anúncios da atividade comercial ainda em nome do varão, para, posteriormente, encontrar a viúva assumindo os negócios, agora com novo nome de fantasia, já que acrescida a denominação ou referência à viuvez.

Encontram-se nos almanaques, anúncios de página inteira constando símbolos e marcas dos produtos comercializados, além do endereço dos estabelecimentos e, caso existisse a indicação da filial. O almanaque tinha um caráter informativo, pois notícia o preço e horário das passagens de trens que circulavam bem como, um espaço destinado ao lazer através das poesias, charadas e outros passatempos. Também se encontram fatos relacionados aos membros da Família Imperial, as datas festivas divididas em grande e de pequena gala, de repartições do governo, além do oferecimento de diversas prestações de serviço, a saber: farmacêuticos; médicos; advogados; professores de piano; canto; escolas.

Os almanaques são fiéis ao seu tempo, sendo possível através de sua leitura desenhar o perfil de seus leitores. O discurso ali veiculado tem como alvo mulheres pertencentes às camadas abastadas, cujo perfil encontrava ressonância na dona de casa, voltada para o lar, seus filhos e o marido, cabendo às moças solteiras o aprendizado de piano, habilidade a ser demonstrada frente a amigos e parentes nas reuniões em família, sendo de bom alvitre a leitura de poesia e charadas.

Os homens apareciam listados nos almanaques através de anúncios onde primeiro se destaca o nome de fantasia do estabelecimento, seguido da expressão “proprietário” ou “proprietários”, para então aparecer o nome e o sobrenome que identificavam a pessoa à frente dos negócios. Igualmente usada é a expressão “o dono” ou os “donos previnem que”. As mulheres ligadas ao ramo retalhista aparecem nos almanaques em anúncios simples, tão quão os homens ligados àquela atividade. Nos negócios de maior porte como, hotéis e lojas de modas, é possível encontrar anúncios de página inteira, como faziam os homens ligados ao setor de roupas e negócios de importação.

Também são comuns, os avisos dirigidos à praça local informando da criação ou do desfazimento de sociedades, vinculadas a marcas ou negócios específicos, como por

exemplo, importação de produtos franceses ou representação de um produto ou marca com exclusividade nesta praça. Não há referência de anúncios informativos da formação ou desfazimento de sociedade entre mulheres, embora existam anúncios que comprovam a existência da sociedade com filhos, irmãos ou terceiros.

Além dos anúncios nos almanaques, pesquisamos os jornais A Bahia, Diário de Notícias, Diário da Bahia³, procurando apreender o sentido, a mensagem das propagandas publicadas. Os reclames constantes dos jornais são mais simples e, por vezes, menos elaborados que os anúncios dos almanaques por se tratar de um veículo de circulação diária deveriam envolver um custo maior ao anunciante. Isso não implica dizer que os almanaques não contivessem anúncios simples, mas, em alguns momentos, registramos anúncios de página inteira ou meia página, com formatos de letras diferenciadas e emolduradas, valorizando a mensagem ou objeto que vendiam, chamando a atenção do leitor principalmente pela riqueza de detalhes contidos nos reclames.

Tomando por base a cobrança do imposto de profissões⁴, percebe-se que as taxas mais altas foram cobradas das comerciantes de tavernas - estabelecimentos que vendiam vinho a retalho, podendo ocasionalmente acumular atividades de lazer como o bilhar - e das proprietárias de trapiche, ramo que envolveria negócios de grande monta, tendo em vista a quantidade de mercadorias que circulavam tanto oriundas do Recôncavo, quanto vindas de outras províncias, depois, estados e países.

Para consecução da pesquisa privilegiamos o método qualitativo observando que as informações obtidas nos testamentos e inventários revelam além de propriedades e dados de ordem econômica, o estilo de vida dos seus subscritores, suas crenças, seus sentimentos e preocupações, dados que não poderiam ser quantificados em tabelas ou gráficos. E, mais o olhar do pesquisador define a importância dos dados obtidos, sendo necessário estar atento ao que não está dito, ao que foi silenciado ou mesmo o que está contido nas entrelinhas.

Para demonstrar algumas assertivas e constatações obtidas ao longo da pesquisa, indispensável se faz a utilização de alguns componentes do método quantitativo, a exemplo de gráficos e tabelas, pois que nos deparamos com valores e depósitos, ações, imóveis e

³ BPEB, Seção de Periódicos Raros.

⁴ Este imposto foi instituído pelo Decreto nº 9870 de 22 de fevereiro de 1888, assinado pela Princesa Isabel, pelas suas características guarda semelhanças com o Imposto de Renda, criado em 1922. O Imposto de Profissões apesar do nome não se restringia apenas a pessoas físicas, mas também a estabelecimentos comerciais. Ver GODOY, Arnaldo. *História do Direito Tributário: O Decreto n 9870 de 22 de fevereiro de 1888*, disponível em www.arnaldogodoy.adv.br/artigosLinks.html, acesso em 26 de janeiro de 2010.

jóias, escravos e móveis invariavelmente levados a avaliação nos inventários, como forma de fixar e definir os quinhões hereditários dos herdeiros e em especial das viúvas.

A diversidade de informações até aqui reunidas nos mostram o quão heterogêneo é o grupo objeto da pesquisa. Na sua identificação, no que tange ao fato de serem mulheres, devemos observar que alguns aspectos as transportaram para grupos diferentes, a saber: o fato de pertencerem ao sexo feminino, não garante uniformidade nos seus sentimentos, vida social e forma de ação. Essa variação vai ser determinada inicialmente pela classe social em que se acham inseridas.

Uma mulher cujo patamar social sempre foi elevado, não pôde vivenciar as dificuldades de uma mulher menos abastada para quem a atividade laboral sempre foi necessária para garantir a sua manutenção e da família, tais diferenças poderão ser avaliadas no levantamento das atividades de comércio que podem variar entre pequenos negócios como uma barraca de cereais no mercado ou uma loja de miudezas até a propriedade de um trapiche ou direção de um hotel em ponto de grande circulação no centro de Salvador.

No exercício do ofício de historiadora prevalecem as minhas experiências com a micro-história, como um dos caminhos para nortear a investigação de mulheres não inseridas na história já contada, ou pelos menos, invisíveis aos olhos dos cientistas sociais, posto que, rotuladas como pertencentes a extratos inferiores do campo social, desinteressantes do ponto de vista econômico, produtivo/reprodutivo.

Buscamos encontrar uma realidade oculta, a verdade do grupo minoritário composto pelas viúvas comerciantes, inscritas na excepcionalidade que a atividade comercial exercida maciçamente pelos homens, estes contemplados nos estudos econômicos, políticos, dos acontecimentos estudados pela História oficial, as expatriou, cuja verdade está ao mesmo tempo encoberta e às claras, cujas informações estão presentes no jogo das práticas do dia-a-dia, “na história que os homens não sabem que fazem”.

Segundo Pesavento (2008, p.74) os elementos do micro recolhidos pelo historiador, “são como a ponta de um *iceberg* que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam a um primeiro olhar”, cabendo aí o alerta contra o excesso interpretativo e das generalizações tomadas a partir de acontecimentos ou fatos isolados, distinguindo o corriqueiro do excepcional. Este movimento caminha ao encontro de desvendar histórias de “gente sem importância a fim de refazer as trajetórias individuais, reveladas através de suas formas de agir, pensar e representar o mundo em determinada época” Pesavento (2008, p.74).

No campo da micro-história treinar o olhar é um exercício constante, a fim de ler muito mais nas práticas cotidianas, nos códigos subliminares e nas representações o que se pode aferir e apreender da realidade vivida pelas personagens que povoam nossa história, do que nos inventários e testamentos mais das vezes redigidos por homens, sob a batuta da lei, fria e distanciada do universo feminino, mas que às mulheres se aplicam de maneira uniforme.

A falta dos diários e mesmo das cartas e depoimentos há de ser substituída pelas requisições e pedidos constantes dos processos de inventários, nos desejos e temores revelados nas disposições de última vontade, no trabalho diário revelado nas propagandas e anúncios, no fazer-se mulher na luta cotidiana pela sobrevivência e na criação de filhos e enteados.

Ao longo da pesquisa a literatura foi surgindo como mais uma fonte de pesquisa. Além de reproduzir cenários urbanos, os romances de Machado de Assis e José de Alencar nos informam sobre os costumes, vestuário e regras de convivência social. Por fim, para meu espanto e deslumbramento descobri que entre as tantas estórias e personagens criados por esses escritores, houve espaço para os romances envolvendo viúvas, a exemplo da Viúva do Sobral e a Viuvinha. Nas pequenas estórias que envolvem as viúvas se revela o *feitiche* que representam as jovens surpreendidas pela morte dos maridos e as tristezas e inquietações que envolvem o universo feminino, numa trama que vincula comportamento social, paixões inconfessáveis e estratégias para fugir ao assédio masculino.

No romance já referido, a Viuvinha, as prescrições e vigilância sobre o namoro são reveladas no artifício utilizado pela mãe da personagem casadoira para adverti-la sobre o momento em que deveria sair do jardim em que se encontrava desde o fim da tarde em conversas com o namorado:

-Olha o sereno Carolina!

A essas palavras os dois amantes se erguiam, atravessavam o pequeno espaço que os separava da casa, e subiam os degraus da porta, onde eram recebidos pela senhora que os esperava.

A condição de mulher viúva da mãe de Carolina e as implicações de viver só com a filha são reveladas em outro parágrafo em que o isolamento a que o seu estado civil conduziu é ressaltado:

A boa senhora, que exigira como condição que seus dois filhos ficassem morando com ela para alegrar a sua solidão e a sua viuvez, temia que alguma coisa faltasse à festa simples e íntima que devia ter lugar no dia seguinte.

As assimetrias de gênero são reveladas nas praticas patriarcais, que designam a mulher como um ser frágil, emotivo e, portanto, afastada da razão, dominada pela emoção, em contraponto ao homem, a quem cabia o domínio das emoções, cujo choro seria produto de uma grande dor, e não apenas fruto da fragilidade, característica inerente ao ser feminino, assim referida por Alencar:

Vós, mulheres, que chorais a todo momento, e cujas lágrimas são apenas um sinal de vossa fraqueza, não conheceis esse sublime requinte da alma que sente alívio em deixar-se vencer pela dor: não compreendeis como é triste uma lágrima nos olhos de um homem!

De igual sorte a prática dos casamentos realizados por um padre na casa da família da noiva está retratada em outra passagem da Viúvina, conforme a Legislação das Ordenações: “O padre revestiu-se dos seus hábitos sacerdotais: e Carolina apareceu na porta da sala guiada por sua mãe”.

Outra regra de convivência é referida no mesmo romance, em que o horário limite para que as visitas permanecessem nas casas visitadas é anunciado pelo advento das horas, não sendo indicador de boa educação ultrapassar o tempo da visita, exceto no caso dos amigos íntimos: “Deram dez horas, termo sacramental das visitas de família; passar além, só é permitido aos amigos íntimos; é verdade que os namorados, os maçantes e os jogadores de voltarete costumam ultrapassar esse direito”.

A descrição das mulheres no romance de José de Alencar nos indica a idéia que os homens tinham em relação à velhice e à viuvez. A falta de atrativos da mulher idosa é ressaltada, enfatizando o fato de não mais se enfeitar, e ser menos graciosa do que as mulheres jovens, a quem caberia os encantos da elegância e da beleza, dando a entender que a conjugação da viuvez com a idade mais madura, assinalasse o fim do seu ciclo de vida e destaque social.

A velha nada tinha de notável e que a distinguisse de uma outra qualquer velha; era uma boa senhora que fora jovem e bonita, e que não sabia o que fazer do tempo que outrora levava a enfeitar-se.
A moça, porém, era um tipo de beleza e elegância. As linhas do seu rosto tinham uma pureza admirável.

Por fim, o advento da viuvez e a utilização da indumentária de viúva, num luto fechado, mesmo depois de cinco anos da morte do marido é revelada por José de Alencar, como decorrente de uma convicção pessoal da personagem, cuja determinação de permanecer enlutada não merece a aprovação de sua mãe:

As fascinações do luxo, as bonitas palavras dos caixeiros e as instâncias de sua mãe, tudo foi baldado. Ela recusou tudo, e contentou-se com um simples vestido preto e algumas rendas da mesma cor, como se estivesse de luto, ou se preparasse para as festas da Semana Santa.

-Assim, depois de cinco anos - disse-lhe sua mãe em voz baixa-, persistes em conservar esse luto constante.

A utilização da roupa de luto para transmitir os sentimentos é revelada ao longo da trama da *Viúvina*, como forma de exteriorizar a dor da perda do ser amado, mas também a enorme decepção que se abateu sobre seu espírito jovem com a morte do marido no dia seguinte ao casamento que sequer fora consumado. Vestir-se assim, era ainda a maneira de lembrar a si mesma a infelicidade que se lançara sobre ela e cultuar enquanto vivesse a memória do falecido.

A influência que o vestido preto devia exercer sobre essa organização ardente revelou-se logo. O vestido preto era o símbolo de uma decepção cruel; era a cinza de seu primeiro amor; era a relíquia sagrada que respeitaria sempre. Enquanto ele a cobrisse parecia-lhe que nenhuma afeição penetraria o seu coração e iria profanar o santo culto que votava à imagem do marido.

O modo de vida retratado nos romances nos interessa de perto. Isto porque, escrever a história das mulheres significa tratar de situações cotidianas, onde se mesclam o espaço público e o privado, sem que haja uma delimitação precisa entre ambos, significa abordar avanços e retrocessos registrados nas histórias reveladas nos testamentos e inventários, de estratégias de resistência contra a opressão, de silêncios e fragmentos, de discontinuidades proporcionadas por lacunas e ausências nos inventários, em detalhes revelados na escrita de próprio punho de algumas poucas mulheres letradas.

A opção pela literatura também é aquela por contar um tempo não linear na reconstituição de laços afetivos e familiares, em contraponto ao tempo cronológico que se esvai na folhinha e nos almanaques que noticiam, ano após ano, os negócios e atividades das mulheres que teceram suas vidas entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, José de. *A Viúvina*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. consulta em 28/11/2012.

ASSIS, Machado de. *A viúva Sobral*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. consulta em 28/11/2012.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEWKOWICZ, Ida; GUTIÉRREZ, HORACIO. *As viúvas em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. Estudos de História, Franca, v. 4, n. 1, p. 134, 1997.

MATOS, Maria Izilda S de. *Por uma História da Mulher*. São Paulo: EDUSC, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. O Problema da Invisibilidade. In: ESCANDÓN, C. R (Org.).

Gênero e História. México: Instituto Mora/UAM, 1992, p. 38-65.

SOIHET Rachel. História das Mulheres e relações de Gênero: debatendo algumas questões. Disponível

em:<www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml>. Acesso em: 20 de jan. 2010